

Belina, filha do casal Belino e Júlia, e esposa do João Calixto, o iniciador do processo da Associação, também fala de felicidade com afirmações que poderiam não ser entendidas pela sociedade do progresso:

eu sou muito feliz aqui e não tenho vontade de mudar, não. Quero criar meus filhos aqui, e ensinar para eles a importância que esse lugar tem pra nós. Se um dia eles não *quiser* continuar o nosso trabalho, eu vou ficar triste, mas não ficarei com remorso não, porque a minha parte de passar para eles os principais valores da vida e de como lutar por essa terra foi algo muito difícil, e que depositamos nesse lugar toda a nossa esperança de uma vida melhor para nós e pra eles, minha parte já terá sido feita. Eu adoro esse lugar, aqui é meu lar. Se ocorrer mudanças para melhorar nossa comunidade, sem perder seu jeito, vai ser ótimo, apesar que sempre que a modernidade chega em algum lugar, esse lugar nunca mais é o mesmo.

É bom ver Belina falar com entusiasmo, com tanta alegria e emoção nos olhos que até parece uma criança que acabou de ganhar um brinquedo novo. Assim é Belina falando da terra que tanto sonhou e que hoje representa seu sustento, sua vida, suas relações de parentesco e amizade, seu trabalho, pois, sempre que pode, ajuda os homens na roça. Belina é hospitaleira, é a “mãezona” que nos acolhe, faz o almoço e deixa todo mundo com ciúmes, pois todos querem que fiquemos de prosa em suas casas. Por isso, agora, sempre dividimos o tempo com todos.



FIGURA 9: Belina
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

A Associação é formada por ex-funcionários de fazendas, que passaram por momentos muito difíceis em suas vidas, e viram na força do associativismo uma oportunidade de realizarem seu sonho de terem, finalmente, o seu pedaço de terra para

plantar e, assim, construírem uma vida melhor para suas famílias. Viram naquele lugar a “esperança” de alcançarem seu maior sonho: a terra. Por isso, a Associação tem o nome de “Nova Esperança”.

O grupo se reuniu pelo esforço de um sonhador, João Calixto. Determinado a conseguir um grupo que pudesse concorrer aos recursos do Banco da Terra, e estimulado pelo então Secretário Municipal de Agricultura de Araguari, Sr. Paulo Sérgio Guimarães Brito, e pela EMATER local, passou a fazer reuniões e a dar os passos necessários na busca do ideal. Estávamos no ano de 2002. Aos poucos, foi conseguindo a adesão de outros membros da Associação que assumiram o processo ao seu lado. Foram meses de preenchimento de papéis, conversas, contatos, e, depois, de muita espera até a proposta ser aprovada.



FIGURA 10: João Calixto
Autora: OLIVEIRA M.G.R./2005

Hoje, a pequena comunidade é formada por 10 famílias, aproximadamente 40 pessoas, sendo que algumas têm relação de parentesco. Algumas pessoas vieram de outros lugares do Brasil e aqui se instalaram, há algum tempo, tendo trabalhado em diversas fazendas da região. Com o recurso do Banco da Terra, os associados compraram uma área de 96.8 hectares de terra no município de Araguari/MG, região do Bom Jardim. O local precisou ser adaptado à construção das casas, pois toda a área era coberta por vegetação. Foi desmatado o suficiente para a construção das moradias, para as áreas de plantio e para a formação de um pequeno pasto. A reserva legal foi respeitada, além das áreas de preservação permanente.

Os associados trabalham com o plantio de maracujá, tomate, vagem e milho, principalmente, num sistema parcial de rotação de cultura. O lucro da venda dos produtos é dirigido à Associação. Além disso, cada associado cultiva, em seu quintal, espécies como abóbora, berinjela, pimentão, dentre outras, para o consumo familiar – e que acaba sendo repartido com todas as famílias – e para a venda, quando a produção permite. Mensalmente, uma determinada quantia do recurso total é distribuída entre as famílias para as compras na cidade. O restante é aplicado em melhorias e/ou usado quando alguma família necessita de um recurso extra por problemas de saúde, por exemplo.

Nossa convivência com os agricultores familiares nos mostra o que Chayanov (1981, apud Ribeiro, 2005, p. 78) chama de “racionalidade camponesa” que se traduz num equilíbrio entre a satisfação das necessidades da família e a penosidade imposta para a sua realização, o que se constitui no princípio básico que norteia a produção familiar, em contraposição à busca do lucro que fundamenta a exploração capitalista. Por outro lado, Toledo (1995) fala de uma “racionalidade ecológica”, que seria a tendência de realizar os processos de produção sem afetar os ecossistemas que lhe servem de base, pois estes possuem uma estrutura e um equilíbrio os quais são capazes de se auto-manterem e auto-regularem, independentemente das sociedades e seus princípios.

É o que percebemos na Associação. Existe uma racionalidade que se deixa influenciar pela dimensão emocional, e que, por isso, age diferentemente na lógica dos agricultores. Estando com eles, não precisamos perguntar se são felizes; cada palavra, gesto, situação familiar ou comunitária, mostra que, apesar de todos os problemas que enfrentam, eles são essencialmente felizes. Insistimos nesta idéia, pois, para nós, aí reside a essência de nosso interesse em incluí-los, assim como outras pessoas, em nossa tese que trata da Educação Ambiental escolar.

Pensamos assim: se a Educação Ambiental trata de temas e propõe ações que levem o aluno a refletir sobre sua atuação na Terra, promovendo a preservação de nosso planeta a partir do espaço que nos cabe viver, e, se isso, no fundo, se traduz como a busca pela tão sonhada felicidade incondicional, então, temos muito que aprender com os agricultores familiares. Na verdade, temos muito que aprender com os saberes que estes agricultores detêm e que, apesar de nadarem contra a maré, valorizam e praticam em sua vida cotidiana.

É fácil perceber isso nas conversas com os associados e na observação de seu comportamento. Falar e sentir suas expectativas de vida, sua visão de futuro, o que esperam para os filhos, é esboçar o seu conjunto de valores. Por exemplo, quando conversamos com Chico, marido de Rita, sentimos uma enorme firmeza nas palavras, firmeza de quem fala verdadeiramente com o coração, de quem tem orgulho do que pensa e do que fala.

Dinheiro é bom mas não é tudo na vida da gente. Saúde e paz é a melhor coisa do mundo. Na terra, tudo que a gente planta, colhe, basta tratar com carinho e respeito, porque ela também tem querer. Nem passa pela cabeça mudar daqui; quero criar meus filhos aqui, ver eles *crescer* com a mesma compreensão das coisas que eu tenho, porque ela me faz ser feliz assim (risos). Acho que a modernidade ajudou em muitas partes, mas a gente não pode exagerar das coisas modernas porque senão perde o rumo (risos).